

# Salário desigual das mulheres ainda resiste

Estudo indica que desigualdade se mantém maior entre altos rendimentos

*Clarissa Thomé* / RIO

Na última década, a taxa de analfabetismo entre mulheres caiu, elas se educaram mais, são maioria no ensino superior, têm distorção menor em relação à idade e à série estudada. Mas isso não se refletiu na redução da desigualdade de emprego e renda, quando comparadas aos homens, aponta o estudo Estatísticas de Gênero, divulgado ontem, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base nos dados do Censo 2010.

No início da década, o rendimento feminino correspondia a 68% do ganho masculino – o que aponta para pequena redução da desigualdade; em 2000, equivalia a 65%. Cresceu a participação das mulheres na população economicamente ativa (que está trabalhando ou procurando emprego), mas a presença do homem ainda é 38,6% maior. E aumentou a disparida-

de no emprego formal: cresceu 18,4% entre os homens e 12,9% entre as mulheres.

E mais: um terço das mulheres de 16 anos ou mais não tinha nenhum tipo de rendimento, porcentual acima do observado para os homens (19,4%). Em 2000, 45% das mulheres não tinham renda própria.

“As mulheres são maioria entre os universitários. Se a gente superou gargalos de educação, o que acontece no mercado de trabalho que tem essa questão da desigualdade de gênero mais realçada? Uma das hipóteses é de que elas estejam mais concentradas em áreas de formação, cujo rendimento auferido no mercado de trabalho é inferior aos dos homens. Tem ainda a questão da dupla jornada, da falta de creche e escola em tempo integral”, afirma a coordenadora de População e Indicadores Sociais do IBGE, Bárbara Cobo.

**Aumento da renda.** O estudo mostra que houve um pequeno crescimento do rendimento feminino, o que reduziu ligeiramente as disparidades entre os sexos. Enquanto o rendimento médio dos homens variou 7,8% – passou de R\$ 1.471 para R\$ 1.587, entre 2000 e 2010; o das mulheres cresceu 12% no mesmo período, de R\$ 959 para R\$



## NA WEB

**Trabalho.** Beleza em excesso pode atrapalhar

[estadao.com.br/e/trabalho-beleza](http://estadao.com.br/e/trabalho-beleza)

## Maternidade entre adolescentes caiu de 14,8% para 11,8%

● A maternidade entre adolescentes, índice que tem repercussão sobre a saúde, escolaridade e inserção no mercado de trabalho das mulheres, recuou entre os anos de 2000 e 2010. Passou de 14,8% para 11,8% na faixa etária entre 15 e 19 anos.

Entre as capitais, a menor mé-

dia foi em Belo Horizonte, com 6,5%, e a maior média foi em Boa Vista, com 16,9%. Entre os Estados, Roraima e Acre têm os maiores índices (20,1% e 19,9%, respectivamente); Distrito Federal e São Paulo, os menores (8% e 9,1%).

A proporção de adolescentes que tiveram apenas um filho é maior entre pretas e pardas – 14,1% das que têm de 15 a 19 anos são mães, ante 8,8% das brancas. Isso também ocorre se comparadas as regiões urbana e

rural – 11,1% ante 15,5%. Na faixa etária de 25 a 29 anos, a diferença entra cidade e campo é ainda mais brutal – 57,9% das mulheres moradoras de área urbana tinham ao menos um filho, ante 75,9% nas áreas rurais.

A proporção de mulheres com pelo menos um filho caiu em todas as faixas etárias. De 20 a 24 anos, baixou de 47,3% para 39,3%; de 25 a 29 anos, caiu de 69,2% para 60,1%; de 30 a 34 anos, passou de 81,9% para 76%. / c.t.

1.074 no mesmo período (12%). Mas esse aumento não foi uniforme em todo o País. A média do rendimento de uma trabalhadora do Centro-Oeste era 80,5% maior do que o de uma

nordestina.

Quando se comparam as pessoas que ganhavam em torno de um salário mínimo, os rendimentos médios entre homens e mulheres eram mais equilibra-

dos – os ganhos delas equivaliam a 91% dos ganhos deles. Mas, ao se analisar os maiores rendimentos, a desigualdade se acentua: as mulheres ganhavam 66% dos salários dos homens.

“O ambiente profissional ainda não foi plenamente conquistado pela mulher. Ela dá conta de ter formação equivalente ou melhor que a do homem, mas a pirâmide se fecha para galgar os postos”, afirma a pesquisadora Lígia Paula Sica, do Grupo de Pesquisa em Direito e Gênero, da FGV/Direito SP.

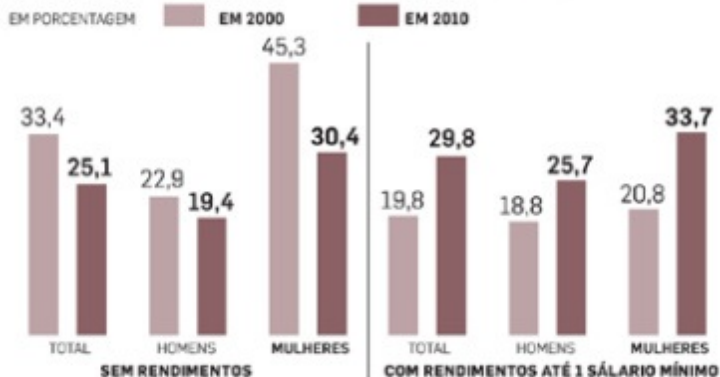
Vera Lúcia Soares, secretária de Articulação Institucional da Secretaria de Políticas para Mulheres da Presidência da República, diz que as disparidades são históricas. “Está no Congresso um projeto de lei proposto pela SPM, que faz com que sejam incentivadas as empresas que fazem diminuir as desigualdades. Do ponto de vista de políticas públicas, temos atuado sobre a melhoria da qualidade de ensino, as escolas promovam igualdade, não discriminação.”

## DESIGUALDADE

● Mesmo com mais educação mulher ganha menos

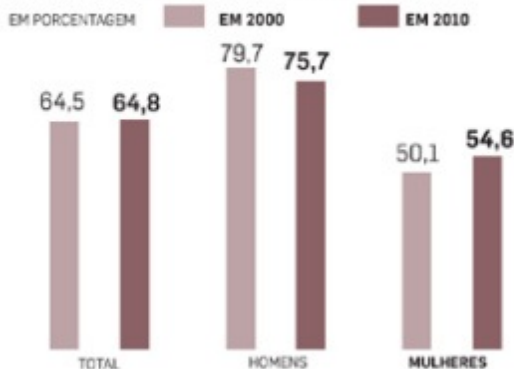
### Renda

Proporção de pessoas de 16 anos ou mais de idade



### Taxa de atividade

Para trabalhadores com 16 anos ou mais\*

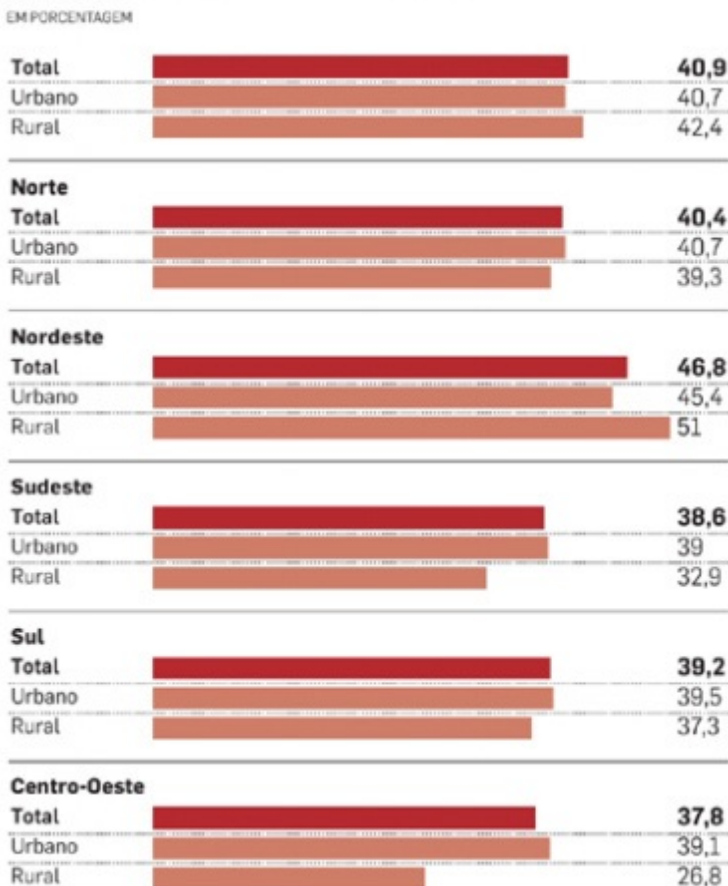


**37,3%** das famílias eram sustentadas por mulheres em 2010

**22,2%** das famílias eram sustentadas por mulheres em 2000

### Contribuição da mulher para o rendimento familiar

Proporção de pessoas de 16 anos ou mais de idade



\*População que está trabalhando ou procurando emprego

## TRÊS PERGUNTAS PARA ...

**Hildete Pereira de Melo**, professora da Universidade Federal Fluminense, especialista em mercado de trabalho e gênero

*Clarissa Thomé* / RIO

### 1. Que análise a senhora faz dos dados divulgados pelo IBGE?

A apresentação dessas estatísticas é um passo importante para desvendar a desigualdade na sociedade brasileira. Algumas ques-

tões agora estão explicitadas: a grande vitória da mulher no século XX foi a educação – começaram o século analfabetas e chegaram ao século XXI com educação maior do que a dos homens. Só que essas estatísticas permitem concluir que educação não é suficiente para a construção da igualdade.

### 2. Que dado chamou mais a sua atenção?

Nos anos de 70, ouvia-se muito os homens dizerem que a mulher trabalhava para comprar supérfluos. Agora não. A renda das mulheres é quase a metade da renda dos domicílios (40%). As políticas públicas têm que dar conta dessa mudança e oferecer



creches e escolas em tempo integral para que as crianças tenham onde ficar durante o horário de trabalho dos pais. Em 1978, houve um alerta feminista do movimento do Rio de Janeiro e a creche era a grande reivindicação. Se passaram tantos anos e estamos ainda engatinhando nessa questão. A estatística de

gênero mostra que é vital essa questão.

**3** **A pesquisa mostra também que a mulher negra sofre com a dupla desigualdade – a de gênero e a de cor. Como a senhora vê essa questão?**

Os dados permitem mostrar que

as mulheres também são desiguais. A desigualdade que passa pela questão do sexo fica mais aguda quando entra a questão da cor – a renda é menor, as condições de moradia são mais insalubres. A desigualdade de cor fica desnudada - há discriminação por sexismo e há discriminação racial.